

ALFABETIZAÇÃO DE PESSOAS DISLÉXICAS

Charlini Weber¹

Kurlan Frey²

Elaine Weber Skrsypcsak³

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo compartilhar informações sobre o conceito de dislexia e algumas orientações sobre como facilitar a alfabetização de pessoas disléxicas. Para isso, foi feita uma pesquisa bibliográfica com o intuito de aprofundar os conhecimentos. Posteriormente, foram organizadas as ideias centrais neste presente resumo expandido, cuja principal fonte de informações é o livro Alfalettrar, de Kvilekval.

Este livro, além de dar clareza do que é dislexia e quais são suas principais características, também indica caminhos para uma alfabetização efetiva de pessoas com Transtornos Específicos de Leitura e Escrita.

Percebeu-se que, apesar de existirem muitas crianças disléxicas em sala de aula, esse ainda é um tema pouco discutido e aprofundado dentro da realidade escolar. No entanto, é um assunto de extrema importância, por isso espera-se que tenha mais visibilidade em um futuro próximo.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho abordará o conceito e as principais características da dislexia. Ademais, trará instruções básicas para a alfabetização de pessoas com Transtorno Específico de Leitura e Escrita. Utilizará como base de referencial teórico o livro Alfalettrar, de Kvilekval.

Citará também a distinção entre dificuldade e transtorno de aprendizagem, além da definição de deficiência perceptiva, quais suas características e como afeta a aprendizagem. Além destes, também relatará a importância da identificação de crianças com dislexia.

2 DIFERENÇA ENTRE TRANSTORNO E DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM

Atualmente, muitas crianças apresentam dificuldades e/ou transtornos na aprendizagem. No entanto, para algumas pessoas, a diferença desses termos segue sendo complexa. No entanto, as distinções são fáceis de descrever, a dificuldade de aprendizagem, por exemplo, tem origem psicossocial ou educacional e pode ter

¹ Acadêmica do 4º período do Curso de Graduação em Pedagogia do Centro Universitário FAI - UCEFF. E-mail: webercharlini@gmail.com.

² Professor e coordenador do curso de Pedagogia do Centro Universitário FAI - UCEFF. E-mail: kurlan@uceff.edu.br.

³ Professora do curso de Pedagogia do Centro Universitário FAI - UCEFF. E-mail: elaineweber@uceff.edu.br.

diversos níveis, mas é passageira, com uma intervenção funcional ela não vai acompanhar a vida escolar do aluno.

Por outro lado, o transtorno específico de aprendizagem, segundo a Classificação Internacional de Doenças, Versão 10 (CID 10), é:

Um transtorno do neurodesenvolvimento com uma origem biológica que é a base das anormalidades do nível cognitivo, as quais são associadas com as manifestações comportamentais. A origem biológica inclui uma interação de fatores genéticos, epigenéticos e ambientais que influenciam a capacidade do cérebro para perceber ou processar informações verbais ou não verbais com eficiência e exatidão.

Assim, a principal diferença entre os termos é que o transtorno é intrínseco, biológico e, muitas vezes, hereditário. Enquanto a dificuldade de aprendizagem advém de fatores externos, como fatores sociais, psicológicos ou pedagógicos.

2.1 DISLEXIA

Dentre os transtornos específicos de aprendizagem, está a dislexia que possui como principal característica a dificuldade na leitura e escrita, mas é mais complexo do que uma simples dificuldade. Segundo a Associação Brasileira de Dislexia (2016), esse transtorno pode ser definido como:

[...] um transtorno específico de aprendizagem de origem neurobiológica, caracterizada por dificuldade no reconhecimento preciso e/ou fluente da palavra, na habilidade de decodificação e em soletração. Essas dificuldades normalmente resultam de um déficit no componente fonológico da linguagem e são inesperadas em relação à idade e outras habilidades cognitivas.

Kvilekval (2010) se refere à dislexia como Transtorno Específico de Leitura e Escrita e relata que se origina de uma dificuldade ou deficiência perceptiva. Segundo Rousseau existem, além das cinco formas sensoriais (tato, paladar, olfato, audição e visão), um sexto sentido, o senso comum ou integração dos sentidos. Atualmente, esse sexto sentido é conhecido como “integração do *input* sensorial” e é a habilidade relacionar as informações e sensações recebidas pelo corpo com as informações já absorvidas e assimiladas.

Segundo esse raciocínio, Kvilekval (2010, p.24) destaca que:

“A criança ou o adulto com deficiências perceptivas embora sensorialmente intactos, isto é, podendo ver, ouvir, sentir, cheirar e degustar, não integram

essa informação de maneira efetiva. De certa forma, a informação era recebida através dos sentidos sem ser percebida ou registrada. Na verdade, isso acontece, o tempo todo, com todos nós. Por exemplo, podemos falar com uma pessoa durante alguns minutos e vê-la claramente. Mais tarde, se alguém nos perguntar a cor de seus olhos, não seremos capazes de lembrar. Esse detalhe da informação foi recebido por nossos olhos, mas não percebido nem registrado.

Geralmente, o processo de assimilação acontece inconscientemente, no entanto, quando a criança apresenta uma deficiência perceptiva deve aprender, por meio de treino explícito, a integrar seus sentidos de forma eficaz, desta forma conseguirá processar automaticamente a informação recebida.

Mesmo as deficiências de percepção se manifestando de diferentes formas, é mais frequente alunos apresentarem Transtornos Específicos de Leitura e Escrita. Em suma, segundo Kvilekval (2010, p.29), essas crianças possuem dificuldades:

[...] no reconhecimento das letras, na leitura e na escrita; na organização de seus pensamentos ou em transcrevê-los no papel; na apreensão das ideias principais de um texto escrito; na tarefa de lembrar instruções ou informações sequenciais.

Os problemas perceptivos também podem se manifestar em áreas temporais, espaciais e em relação a medidas. Quando isso acontece é comum perceber dificuldades em algumas atividades rotineiras, como: no planejamento ou organização das tarefas diárias; seguir o passo a passo de uma receita culinária, avaliar qual o tamanho de caixa adequado para embrulhar o presente; identificar o tempo necessário para chegar pontualmente em compromissos, localizar-se com mapas, entre outros. Essas dificuldades devem ser superadas quando não se desenvolverem na idade certa.

Uma dificuldade muito comum nos estudantes com Dificuldades Específica de Leitura e Escrita é a produção consistente do som das vogais. Segundo Kvilekval (2010), “embora consigam, na maioria das vezes, imitar o som de uma palavra falada, não são capazes de ler corretamente esses sons na sequência que se apresentam. Por exemplo: ba, be, bi, bo, bu”(Kvilekval, 2010).

Para muitos profissionais isso é considerado falta da discriminação visual da vogal, no entanto essas crianças conseguem nomear as vogais. O que realmente acontece é que elas não conseguem lembrar do ato físico de reproduzir o som da vogal. Para trabalhar essa dificuldade é necessário que o aluno constate as diferenças nos movimentos da língua e da boca ao produzir esses sons enquanto

olha para a sílaba e repete os padrões exemplificados pelo professor (Kvilekval, 2010).

As principais características de uma pessoa com dislexia em relação à leitura são: apresentar leitura em nível muito inferior em relação aos colegas de classe; não ler sozinha ou por vontade própria; Consegue ler determinadas palavras por um tempo, mas as esquece posteriormente; ler ao contrário (começa com a última letra ou troca a ordem das letras; não compreende efetivamente o que lê; comete muitos erros com palavras curtas; omite ou substitui as palavras; quando lê palavras longas, não olha letra por letra, mas tenta adivinhar as palavras partindo somente de algumas letras; lê apressadamente, errando, mas continua a leitura mesmo quando a frase não possui mais sentido; ler muito lentamente, com muita dificuldade; perde-se na leitura com frequência; constante autocorreção; frequentemente era a última letra da palavra; Muitas vezes, não lê a primeira letra da frase (Kvilekval, 2010).

As principais características de uma pessoa com dislexia em relação à análise fonética são: não conseguir associar a letra ao som, apresentar maior dificuldade na compreensão das vogais do que das consoantes; dificuldade de silabar para pronunciar a palavra, pronuncia letra por letra; apresenta dificuldade em aprender a ler e escrever os dígrafos; confunde sons sonoros e surdos, como t/d, f/v, p/b (Kvilekval, 2010).

As principais características de uma pessoa com dislexia em relação à ortografia são: inverter as letras de todas as formas; mudar a sequência das letras; errar com mais frequência nas vogais; não escreve todas as letras das palavras; aparenta não ouvir os sons como eles realmente são, pode escrever pessimista por pessimista, rado por rato, vafe por fave; não escreve acentos, apóstrofes e pontos; não percebe a ausência de uma letra em palavras que escreveu, dificuldade de identificar se é uma palavra ou se são duas (Kvilekval, 2010).

As principais características de uma pessoa com dislexia em relação à escrita são: reverte letras como p e q, d e b; esquece, muitas vezes, como escrever uma letra; muda a altura das letras; forma a letra começando na linha e subindo; deixa espaço entre as letras de uma palavra; escreve letras maiúsculas no meio das palavras; escreve de modo indecifrável e rapidamente, ou muito lentamente, quase rasgando a folha; empunha o lápis de forma desengonçada e com pouco controle; cansa muito ao escrever, diz que a mão dói, tem os músculos da mão muito rígidos;

apresenta dificuldade de organização na página; mistura as letras de forma e cursiva ao escrever (Kvilekval, 2010).

As principais características de uma pessoa com dislexia em relação ao comportamento são: diz que odeia ler e escrever; não apresenta interesse em ler e escrever; pensa ser pouco inteligente e preguiçoso; demonstra interesse e faz boas observações quando não precisa ler e escrever (Kvilekval, 2010).

É importante ressaltar que nenhuma criança apresentará todas as características acima descritas, no entanto, quanto mais sintomas presentes, maior a chance da criança ser disléxica (Kvilekval, 2010).

2.1.1 Identificação da criança com dificuldades específicas de leitura e escrita

Como existem muitas crianças com dificuldades específicas de leitura e escrita, é muito importante que as escolas comecem a realizar uma avaliação diagnóstica com testes específicos. É fundamental que esta triagem seja aplicada em todos os alunos, até porque, infelizmente, muitos professores não estão capacitados para identificar tais dificuldades.

Após todos os estudantes passarem pelo processo de triagem, aqueles que apresentarem resultados inferiores à média esperada devem passar por novos testes, desta vez diagnósticos, com o intuito de compreender todas as suas áreas de dificuldades. É importante ressaltar que os testes de triagem fazem parte do diagnóstico da criança, principalmente se foram aplicados individualmente (Kvilekval, 2010).

As escolas podem criar formulários apropriados para registrar o resultado de testes de triagem. Para isso, é necessário indicar o nome do teste e a data de sua realização. Podem ser anexadas também informações subjetivas do aluno, como o parecer dos professores e a opinião dos responsáveis (Kvilekval, 2010).

Com esses testes e pareceres registrados consegue-se mais facilmente identificar uma criança com Transtorno Específico de Leitura e Escrita. É possível até mesmo montar uma lista com os sintomas característicos em sala de aula, o que pode auxiliar a compreensão dos responsáveis sobre as dificuldades do estudante (Kvilekval, 2010).

3 ALFABETIZAÇÃO DE DISLÉXICOS

De acordo com Kvilekval (2010), Leonard Bloomfield, professor de linguística na Universidade de Yale, inventou um método para ensinar seus filhos a ler. Essa abordagem (denominada abordagem linguística), envolve apresentar padrões mais simples de associações fonema-grafema e, à medida que a criança domina esses padrões, introduzir padrões mais complexos.

No entanto, estudos da época demonstraram que mesmo esse método trazendo benefícios, deve ser acompanhado de uma estrutura pedagógica apropriada, afinal não demonstrou-se suficientemente eficiente por si só.

O Dr. Grimes conduziu, entre 1966 e 1977, estudos de eficiência de três diferentes abordagens de leitura: a visual, a fonética e a linguística. Apesar de não publicar esses estudos por falta de evidência do sucesso da abordagem linguística, ele começou o uso dessa técnica em conjunto com seus métodos de ensino já desenvolvidos. Ele percebeu que seus alunos evoluíram consideravelmente mais em relação aos que foram submetidos ao ensino visual ou fonético.

Desta forma, percebeu-se que uma parte significativa do resultado estava ligada à orientação do Dr. Grimes aos professores, porque ele monitorou presencialmente os procedimentos e métodos de ensino durante a aplicação da prática pedagógica. Esta avaliação reforçou os estudos concluídos nos anos anteriores e passou-se a recomendar uma metodologia linguisticamente estruturada para ensinar pessoas disléxicas a ler e escrever.

Fishbein contribui para uma abordagem mais apropriada no ensino da leitura para as crianças ao explicar as teorias de Noam Chomsky e Piaget que se referem a habilidade de generalização das crianças, ou seja, a capacidade de partir do conhecido para o desconhecido. A generalização é a base da capacidade de entender e criar sentenças que não ouviu anteriormente.

Para um bom ensino da leitura e soletração, é fundamental a capacidade inata da criança de generalizar e, posteriormente, eliminar os padrões não regulares, até responder automaticamente a toda letra regular agrupada. As crianças com Transtornos Específicos de Aprendizagem geralmente apresentam deficiências na “generalização de associações fonéticas/simbólicas e na percepção de padrões”.

Segundo Kvilekval (2010):

A estrutura linguística, a partir das relações mais frequentes e assistentes da língua, deve ser ensinada primeiro, antes da introdução de elementos menos comuns e menos consistentes do idioma. Para que o aluno possa construir essa relação básica entre fonema-grafema, o professor deve estabelecer a ordem nesse aparente caos.

Kvilekval (2010) também destaca que deve-se desenvolver a visão, audição, tato e movimento para se obter sucesso na leitura/escrita. Assim, é evidente a necessidade de incluir na prática pedagógica a consciência do envolvimento de todos os sentidos. Não é suficiente mostrar uma letra ou palavra para que a criança lembre novamente só de olhá-la, é necessário que compreendam que a sequência de letras que vemos correspondem à sequência de sensações na boca à medida que falamos, e devem corresponder aos sons que ouvimos de nós mesmos enquanto as pronunciamos.

Após essa compreensão, se as palavras forem pronunciadas antes de escrevê-las, ficará mais fácil lembrar quais letras devem ser usadas. Desta forma, pode-se pronunciar as sílabas na sequência em que vão sendo escritas.

Para uma melhor compreensão fonológica Kvilekval (2010) indica que para ensinar fonemas em que a diferença está nos sons surdos (sem ou com pouco envolvimento das cordas vocais) e sonoros, como /f/ e /v/, /t/ e /d/, /p/ e /b/, é importante trabalhar, inicialmente, os dois sons separadamente a fim de aumentar a percepção da produção de cada um deles.

Quando trabalhar os sons separadamente, é necessário comparar sons surdos e sonoros, como /c/ e /m/ e fazer com que percebam com qual produzimos o ar e com qual pressionamos os lábios fechados. Posteriormente, trabalham-se as diferenças mais sutis que trazem problemas na distinção entre sons surdos e sonoros. Nesse processo, solicitar que o aluno perceba qual som é produzido com mais vibração das cordas vocais e qual é produzido com mais ar.

Ademais, o método Panlexia fala da importância de leituras diárias, afinal a leitura vem antes da escrita. Kvilekval (2010):

[...]Também explica várias formas de desenvolver e avaliar a evolução da consciência fonológica; como adaptar o ensino à dificuldade do aluno; a ordem adequada de ensino da língua, iniciando com as consoantes mais fáceis de identificação para as mais complexas, o mesmo acontece com as vogais, depois diferenciando os sons confundidos pela pessoa; a importância de seguir uma sequência de dificuldade, primeiro identificar as sílabas, formar pequenas palavras (dissílabas), fazer troca de um grafema dentro dessas palavras, ler e compreender pequenas frases, ler e

compreender pequenos textos; compreender o uso de letras maiúsculas, acentos e pontuação.

Kvilekval (2010) ressalta a importância de compreender a dificuldade do estudante para poder ajudá-lo, adaptando o conteúdo, a forma de avaliar a evolução e os objetivos, para que estejam de acordo com a realidade individual do aluno. Também é necessário perceber que a alfabetização é um processo muito complexo para todas as crianças, mas é ainda mais difícil para aquelas que apresentam Transtorno Específico de Leitura e Escrita, desta forma, é papel do professor facilitar ao máximo esse processo.

4 CONSIDERAÇÕES

Constatou-se que apesar de ser um assunto de muita relevância, principalmente por a dislexia ser uma realidade comum em salas de aula, esse é um tema que, infelizmente, é pouco debatido e aprofundado em ambientes escolares.

Percebeu-se também que é fundamental a utilização de uma metodologia efetiva e comprovada cientificamente para a alfabetização de todas as crianças, mas em específico as que possuem Transtorno Específico de Leitura e Escrita.

REFERÊNCIAS

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio, ou, Da Educação**. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

KVILEKVAL, Pamela. **Panlexia Plus**: metodologia ampliada e atualizada para a reeducação das dificuldades específicas de linguagem. 22. ed. Curitiba: Íthala, 2010.